
TEMAS DE ARQUEOLOGIA
BRASILEIRA - 1980
(EDIÇÃO HISTÓRICA)*

RENATA DE GODOY**

SCHMITZ, P.I; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B. *Temas de Arqueologia Brasileira: 1980: edição histórica*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás; IGPA, 2015. 293 p.

A Edição Histórica dos Temas de Arqueologia Brasileira/1980, de Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa e Maira Barbieri Ribeiro, lançada comemorativamente nos 35 anos da Sociedade de Arqueologia Brasileira em 2015 (Editora da PUC Goiás) veio em momento bastante oportuno. O livro apresenta questões que nortearam a Arqueologia no Brasil quando o número de arqueólogos era crítico para construir a compreensão da ocupação humana no vasto território nacional. Nas últimas décadas temos presenciado o amadurecimento da disciplina no Brasil, e nada melhor que reler temas e problemas clássicos para refletir sobre questões relevantes e atuais que sempre farão parte da profissão. Dividido em cinco capítulos a Edição Histórica demonstra além dos temas os territórios mais pesquisados antes da fundação da Sociedade de Arqueologia Brasileira, e nos faz pensar sobre o quanto essa realidade mudou nas décadas seguintes.

A presente Edição, de caráter histórico, transformou cada volume em capítulo. O primeiro intitulado O Paleoíndio Brasileiro reflete a necessidade de antes e de agora a se definirem as datas e os processos ocupacionais mais antigos de ocupação humana no Brasil, sem dúvidas um tema sempre atual e marcante da arqueologia nas

* Recebido em: 10.12.2015. Aprovado em: 05.01.2015.

** Ph.D. em Antropologia pela Universidade da Flórida/EUA. Pós-Doutoranda CAPES/UFPA. Bolsista pós-doutorado CAPES/PPGA (UFPA)

Américas. O segundo (O Arcaico no Interior Brasileiro) e o terceiro (Arcaico do Litoral) reúnem as preocupações em se definir cronologicamente os períodos mais recuados de ocupação humana conhecidos naquela época, além de discutir adaptações humanas no meio ambiente. O quarto capítulo, Arte Rupestre no Piauí, é o único que se destaca, pois seu tema é, à princípio, localizado geograficamente, o que se transforma depois com a participação de outros pesquisadores das regiões Centro-Oeste e Sudeste, visando estabelecer tradições rupestres ao longo do país. No quinto e último capítulo (Os Cultivadores do Planalto e do Litoral), os objetivos eram definir as tradições ceramistas e pensar nas prováveis rotas de dispersão da cerâmica, mas também visava discutir hipóteses acerca da introdução de novas espécies, em especial do milho. Ao longo dos textos percebemos que o intuito dos arqueólogos de então não era simplesmente uma troca de dados, e sim buscar a unificação técnica, teórica e metodológica.

Mais de três décadas de muitas transformações quanto à formação de profissionais no país, ainda somos poucos perto de tanto que precisa ser feito. Mas além de quantitativamente, a disciplina mostra também um amadurecimento qualitativo 35 anos depois. Atualmente muito se fala em responsabilidade social, uma consciência que em 1980 ainda era tímida em nível global e, no Brasil não fazia parte de uma agenda explícita. Nota-se também a ausência absoluta da Arqueologia Histórica nos Temas de Arqueologia Brasileira, visto que os volumes publicados tinham como objetivo facilitar a troca de dados sobre a ocupação indígena pré-colonial no país, e construir uma síntese que organizasse a enorme quantidade de dados levantados nas décadas de 1960 e 1970. Devemos nos lembrar de alguns detalhes para apreciar o valor deste livro para arqueólogos de hoje. As discussões refletiam o trabalho de poucos arqueólogos no Brasil, e abarcam também locais específicos do nosso território tentando uma sistematização de tudo que se fez até o final de década de 1970. Era a época em que os arqueólogos se profissionalizavam, refletindo o treinamento acadêmico que receberam. A construção dos volumes ocorreu em forma de comunicações orais, em mesas redondas que propunham discutir os temas mais significativos da pré-história brasileira, além de mesas sobre projetos conduzidos em Goiás (Altair S. Barbosa), no Piauí (Niède Guidon), no Acre (Ondemar F. Dias Jr), na Amazônia (Mário F. Simões) e em São Paulo (Maria da Conceição M. C. Beltrão). Os debates e apresentações eram gravados e foram transcritos em cada volume.

Para os arqueólogos de gerações mais recentes ler cada capítulo é quase como uma viagem no tempo. O texto conserva os diálogos, as discussões de cada mesa redonda, é como se todos tivéssemos a oportunidade de estar no local, de voltar à 1980 dividindo a mesa com pesquisadores que lançaram as bases da arqueologia brasileira. Até a sequência das falas é marcante: como falavam, o que falavam, e para quem falavam. Para nossa profissão deve ser de praxe buscar a compreensão do passado, entender onde como e porquê das mudanças. Voltar no tempo nos faz também perceber o quanto os problemas se complexificaram, o quanto os temas se diversificaram, e que precisamos antes de tudo aprender a relativizar o contexto da época. Nestes 35 anos fomos bombardeados por um tremendo desenvolvimento infra-estrutural do país, mudanças que causam a destruição do nosso bem maior, mas que também transformaram por completo a função dos arqueólogos no Brasil. Temos a oportunidade de ler vozes de pesquisadores e de participar dos momentos mais incipientes da criação da Sociedade de Arqueologia Brasileira, em especial por termos acesso à Ata da Assembleia de Fundação da SAB, transcrita ao final do livro.

Apesar de ainda hoje experimentarmos o mesmo sentimento de pioneirismo na Arqueologia Brasileira, muitas vezes nos esquecemos de que a disciplina, no mundo todo, cresce nos erros e nos acertos dos que se atreveram a começar. Questionamos as etapas culturais, entendemos melhor o dinamismo humano, refletimos sobre conceitos amplos que vão além de tempo e espaço. Mas foi a partir desses poucos e primeiros arqueólogos que conseguimos chegar onde estamos. E hoje as novas gerações ainda carregam a enorme responsabilidade de extravasar o conhecimento que adquirimos ao explorar o patrimônio arqueológico brasileiro para além das nossas fronteiras. Sugiro que nós, atualmente tão preocupados com questões étnicas, éticas, políticas e sociais, façamos uma leitura no sentido mais amplo de como tudo começou. E que aprendamos a valorizar o passado de nós mesmos.

